



Entrevista com Josilene Silva da Cruz, primeira professora com formação linear em ciência da religião contratada em um curso universitário de ciência da religião no Brasil

*Fábio L. Stern**

Embora exista o doutorado em ciência da religião desde 1990 e a licenciatura desde 1997 no Brasil, foi somente em 2021, três décadas depois, que uma professora com formação linear em ciência da religião foi contratada em um curso da área no Brasil. Josilene Silva da Cruz é doutora, mestra e licenciada plena em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ela conversa conosco sobre sua trajetória profissional. Esta entrevista foi realizada em 18 de março de 2021 por meio do Skype e transcrita para a publicação na REVER: Revista de Estudos da Religião.

Fábio Stern: Como você se sente sendo uma das primeiras pessoas no Brasil a ter formação completa em ciência da religião, da graduação ao doutorado?

Josilene Cruz: Em primeiro lugar, eu me sinto muito feliz e honrada, ainda que em nosso contexto a C.R. seja uma área pouco divulgada, que precisa de mais visibilidade e reconhecimento de sua relevância. Da mesma forma que me sinto feliz, também fiquei surpresa ao saber que sou uma das pioneiras porque achei que já houvesse outras pessoas com essa formação linear no Brasil e que estivessem atuando como docentes. Portanto, ao mesmo tempo em que eu me sinto muito feliz, desejo que essa escassez de professores com formação linear na nossa área seja superada e que logo deixe de ser algo raro.

Stern: A formação linear ainda não é o perfil da ciência da religião brasileira. O mais comum é que pessoas entrem na pós-graduação vindas de outras áreas de graduação, e que os licenciados, por serem professores, busquem pós-graduações na pedagogia ou na educação. Nesse sentido, qual o diferencial de alguém como você, que tem a formação linear da graduação ao doutorado?

Cruz: O grande diferencial da formação linear é a perspectiva de que nós, cientistas da religião, sempre trabalhamos com o objeto religião de forma peculiar e preferencial.

* Bolsista PNPd/CAPES pelo PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-5642-0299 – contato: caohim@gmail.com

Assim como você comentou, muitos alunos vêm de outras áreas. Quando um historiador chega à pós-graduação em C.R., por exemplo, o que a gente observa é que ele tende a continuar priorizando o olhar mais historiográfico do que o viés mais plural que é típico do cientista da religião, de forma interdisciplinar ou transdisciplinar, evitando, assim, o reducionismo. Embora eu tenha citado o exemplo do historiador, isso também acontece com quem veio de outras áreas, como a psicologia e a sociologia, entre outras. Nós temos uma perspectiva mais ampla. Além disso, não fazemos proselitismo e não nos preocupamos com os vínculos confessionais, como pode ocorrer com os teólogos. Ademais, o cientista da religião pode estudar tanto a presença do fenômeno religioso quanto a sua ausência. Nós temos mais liberdade para fazer uma análise crítica sobre um fenômeno que esteja ocorrendo em determinada religião sem nos sentir cobrados pelo engajamento religioso. Nosso olhar é científico e utiliza saberes de diversas disciplinas, com o que elas têm a nos ofertar.

Stern: Durante a sua formação, você deve ter percebido que professores formados em ciência da religião ainda são minoria. Alguém com o seu perfil, então, é uma novidade. Como ex-aluna, você considera importante que os cursos contratem mais professores com formação específica em ciência da religião?

Cruz: Essa pergunta se conecta com a anterior. Precisamos de mais profissionais dando aula que consigam contemplar o fenômeno religião de forma mais plural e profunda, como eu falei antes. Mas não só isso, há também a questão profissional, ou seja, a C.R. aplicada. Esse campo tem muito a ofertar, mas ainda é um entrave aos cursos essa perspectiva de atuação e trabalho, pois o campo de atuação é um dos grandes desafios. Desde a graduação até o término do meu doutorado, eu sempre me perguntava se teria como atuar depois de minha formação, mesmo a graduação em C.R. da UFPB tendo sido a primeira a ser reconhecida pelo MEC numa instituição pública. Como comentei no início, a C.R. ainda não é uma área tão conhecida no Brasil. Por isso, pensando no futuro dos alunos, eu realmente acredito que os cursos precisam olhar com maior atenção para essa questão relacionada à atuação profissional. É algo de extrema importância e profunda relevância. Os cursos precisam nos propiciar a possibilidade de atuarmos e demonstrarmos nosso trabalho. Em síntese, precisamos valorizar o estudante que se aprofunda na área, fortalecendo a mesma. A partir do momento que os cursos começarem a acolher os seus egressos como professores, o campo começará a se fortalecer. As demais disciplinas já fazem isso. Os gestores em geral e de modo específico os dos cursos de C.R. precisam enxergar seus egressos como profissionais aptos e preparados a dar aula de modo integral. A formação específica na área permite maior profundidade e pluralidade, dialogando com diversos outros campos e não com apenas uma vertente.

Stern: Se o diferencial do cientista da religião é a pluralidade, não faz mais sentido os cursos contratarem, então, professores das mais diversas formações? Ou seja, terem um professor psicólogo, outro sociólogo, outro antropólogo e assim por diante?

Cruz: Se eu trago a especificidade de forma separada, estou só reproduzindo o que sempre ocorreu historicamente. Infelizmente, essa ainda é a realidade presente em

nosso país. Se eu trago um historiador para falar em um curso de C.R., ele parte do viés histórico. Se eu trago um psicólogo, ele parte do viés psicológico. O cientista da religião dialoga com todos esses outros campos, tendo uma visão mais integrativa. Sem disputas de saberes, todas essas disciplinas têm algo com que contribuir, mas nós somos aqueles que se valem de todas elas, e não só de uma. Para citar um exemplo prático, no TCC da minha graduação eu trabalhei com a teoria do imaginário de Gilbert Durand, um antropólogo. Já no meu mestrado, trabalhei com Mircea Eliade, um cientista da religião. E, no caso do doutorado, eu usei a logoterapia de Viktor Frankl, um psicólogo. Durante nossa formação, recebemos tanta informação e ao mesmo tempo bebemos de tantas fontes que não alimentamos o nosso olhar com apego a um caminho único. Se você me pedir hoje uma análise de determinado fenômeno, no mínimo eu tenho três perspectivas e epistemologias diferentes. É nesse sentido que eu digo que nos sentimos mais alimentados de diferentes fontes, mas com uma postura epistemológica unificada ou integrada.

Stern: Por que demorou tanto tempo para que um curso de ciência da religião contratasse uma cientista da religião com formação completa para dar aula?

Cruz: Do meu ponto de vista, acredito que seja resquício de uma interferência política. Além disso, dentro da universidade pública, que é o lugar de onde eu posso falar, existe essa dificuldade de se tratar da temática. O fenômeno religião traz enormes polêmicas, e as pessoas às vezes acham que o cientista da religião é um teólogo e, portanto, que estaríamos trazendo uma perspectiva de dogmatismo, um olhar voltado para o viés da pregação, de reprodução da religião. No entanto, sabemos que um cientista da religião não faz nada disso, mas as pessoas de modo geral não sabem. O próprio nome da disciplina traz um peso muito forte. As pessoas só escutam a palavra “religião” e entendem a C.R. sob uma perspectiva de adesão religiosa, e não de ciência. Essas interpretações têm interferido nesse processo de constituição da área no Brasil. Se uma universidade quer contratar cientistas, acaba por priorizar as áreas que a sociedade considera que são mais científicas. Além disso, o fato de as PUCs ainda serem grandes protagonistas da C.R. e, em alguns estados, só existir o curso em instituições confessionais, também contribui para essa situação. Peguemos o exemplo da SOTER [Sociedade de Teologia e Ciências da Religião]. Apesar de a SOTER ser uma associação nacional, o congresso deles é um evento praticamente exclusivo da PUC Minas. Esse tipo de coisa pode ser um entrave para quem não conhece a C.R., pois traz um primeiro olhar de estranhamento.

Stern: Muitos profissionais formados em ciência da religião têm grandes dificuldades em conseguir emprego posteriormente. O que você falaria aos colegas que seguem os seus passos e buscam formação linear a respeito disso?

Cruz: A maior sugestão que eu posso dar é que eles não esmoreçam, não percam a esperança e não deixem de produzir. A docência ainda é a maior perspectiva profissional, embora saibamos que existem outras possibilidades. O ensino religioso laico é a principal perspectiva de atuação, mas, novamente, temos o entrave da questão política, porque depende da abertura de concursos e tudo mais. Mas, mesmo que esse graduado esteja

sem atuar, recomendo que busque se especializar, faça um mestrado e que, enfim, não pare. Profissionais de outras áreas passaram por essa mesma dificuldade. Ainda não há uma aceitação da sociedade e um conhecimento maior sobre o que acontece na C.R. Para que as pessoas conheçam nosso campo, precisamos mostrar o nosso diferencial com relação ao trato desse fenômeno tão relevante nas relações em sociedade, a religião. Precisamos ocupar a docência dos cursos de C.R. para que esse campo se fortaleça. Isso fará uma diferença substancial. A partir daí, começaremos a ver um processo de mudança, demonstrando que passamos pelo viés da pesquisa. Mesmo que estejamos atuando apenas como professor no ensino básico, precisamos participar dos eventos, nos congressos, dando visibilidade aos nossos trabalhos, inclusive nas práticas de sala de aula. Assim, nós conseguiremos reverter essa interpretação e o público poderá ver que não temos viés dogmático. Algo similar aconteceu com a sociologia e a psicologia. Elas ganharam o seu espaço aos poucos.

Stern: Mas, no caso da sociologia, a institucionalização e os maiores ganhos políticos para os profissionais sociólogos se deram não pela pesquisa, mas por atuação de sociedades profissionais e órgãos de defesa da classe.

Cruz: Ter órgãos de classe certamente faz uma grande diferença no processo de enfrentamento e conquistas de espaços. Eles são porta-vozes da classe e, com certeza, isso seria um grande ganho para o cientista da religião essa realização. Nossa consolidação não ficaria restrita ao que eu tinha falado antes com relação à realização de pesquisas. Eu, com certeza, abraço essa causa.

Stern: Existe algum tipo de associação profissional para cientistas da religião na Paraíba ou no Rio Grande do Norte?

Cruz: Pelo menos do que eu tenho conhecimento, até o momento, não. Estou chegando no Rio Grande do Norte, então ainda não tenho como afirmar com maior propriedade, mas me parece que não tem nada nesse sentido ainda. Já na Paraíba, quando eu estava na graduação, havia a intenção de se formar uma associação profissional, mas isso não vingou até o momento. O trabalho não foi levado adiante, infelizmente. Após a formatura, algumas pessoas começaram a buscar outras áreas e passaram a não mais se identificar como cientistas da religião. Isso fez com que aquele grupo interessado em abrir a associação se dissolvesse. Isso demonstra que a gente ainda tem muito trabalho pela frente. Precisamos arregaçar as mangas. Nada impede que possamos ser pioneiros também nesse sentido.

Stern: Há mais alguma coisa que você gostaria de comentar aos nossos leitores?

Cruz: Como palavras finais, deixo o convite para que os leitores das outras disciplinas possam ter esse olhar mais sensível, respeitoso e atento à nossa área. Conheçam a seriedade de nosso campo. Compreendam que as nossas pesquisas são feitas com muito respaldo, utilizando métodos científicos e uma base epistemológica sólida. Além disso, aos leitores cientistas da religião, deixo o apelo para que não deixemos a esperança

findar. Precisamos fomentar cada vez mais esse desejo de que o campo se solidifique para que possamos crescer em território nacional e acompanhar o desenvolvimento internacional da C.R.